

2 + 2 = 5: A ideologia em *Nineteen Eighty-Four*, de George Orwell

Jéssica Bispo

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Citation: Jéssica Bispo. "2 + 2 = 5: A ideologia em *Nineteen Eighty-Four*, de George Orwell." *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 9, n.º 1, 2020, pp. 29-47. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>.

Abstract

Taking into account the society represented in the novel *Nineteen Eighty-Four* (1949), by George Orwell, this article offers an analysis of the methods used by its ruling government to secure the consolidation and spreading of its ideology, by establishing a comparison with philosopher Louis Althusser's theory concerning the structures of the State and its Ideological Apparatuses, which allow to maintain and spread certain ideals. Thus, it will be possible to understand the organization of the Party holding all the power in Orwell's imagined society and how it ensures the population's quiescent submission. Despite the extreme control exerted in this dystopian society, our analysis also seeks to expose the existence of dissenters, exploring how they subvert the Party's ideology and the resources it uses to smother transgressions to the imposed standards.

Keywords: Ideology; Dystopia; Louis Althusser; Dissent; Subversion

Resumo

Tendo em consideração a sociedade representada na obra *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell, o presente artigo oferece uma análise dos métodos utilizados pelo governo vigente para assegurar a consolidação e propagação da sua ideologia, estabelecendo-se uma comparação com a teoria do filósofo Louis Althusser relativamente à estrutura do Estado e aos seus Aparelhos Ideológicos que permitem garantir a manutenção e propagação de determinados ideais. Desta forma, é possível entender a organização do Partido político detentor da totalidade do poder na sociedade imaginada por Orwell e como o mesmo garante a submissão silenciosa da população. Apesar do controlo exercido nesta sociedade distópica ser extremo, a nossa análise visa também revelar a existência de dissidentes, explorando como estes subvertem a ideologia do Partido e os recursos que este último emprega, por sua vez, para abafar transgressões às normas impostas.

Palavras-chave: Ideologia; Distopia; Louis Althusser; Dissidência; Subversão

Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa surge como um continente imerso num espírito de desalento e desilusão, onde o choque, a confusão e o horror caracterizavam o quotidiano de quem tinha experienciado não apenas a guerra em si, mas igualmente os anos anteriores e posteriores a esta. Este sentimento de esperança perdida foi extremamente influente na literatura produzida durante os referidos tempos conturbados, onde se verificou um aumento de obras incluídas no género literário designado como distopia.¹ *Nineteen Eighty-Four* (1949) de George Orwell surge em destaque na nossa análise, reflectindo este clima de tensão recorrendo a uma sociedade imaginada:

George Orwell's *Nineteen Eighty Four* reflects the paranoia that prevailed in Europe during the interregnum of the two World Wars of the twentieth society. The two World Wars and the Great Depression cast a sense of shock, horror and disillusionment. The rise of Fascism and Nazism left the people terrified and confused. The existing political institutions could not cope with this situation. (Mukherjee 12)

Entre diversas outras distopias muito conhecidas e alvo de análise pela academia incluem-se as britânicas *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, *Lord of the Flies* (1954), de William Golding, e *A Clockwork Orange* (1962), de Anthony Burgess; as americanas *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury e *Slaughterhouse-Five* (1969), de Kurt Vonnegut; a canadiana *The Handmaid's Tale* (1985), de Margaret Atwood e a russa *We* (1921), de Yevgeny Zamyatin.

Diversos acontecimentos para além das duas Guerras Mundiais contribuíram para o sentimento de descrença generalizado relativamente às instituições políticas da época, que demonstraram ser incapazes de lidar com os conflitos existentes e respetivas consequências. Entre estes acontecimentos é possível denotar a ascensão de nacionalismos ou a Grande Depressão dos anos 30. Estas situações afetaram a economia, a política e a sociedade a nível mundial, como seria de esperar. Assim, apesar de George Orwell se concentrar na região da Inglaterra na sua obra, a sociedade por ele imaginada encontra-se em vigor por todo o globo, dividida em três grandes potências: Oceania, Eurasia e Eastasia (Orwell 214).

Sendo esta uma obra profundamente ideológica, a mesma reflete as preocupações sentidas pelo próprio autor. É importante referir que o escritor participou na Guerra Civil Espanhola em 1936, testemunhando a morte e prisão de amigos próximos que simpatizavam com o socialismo democrático, considerado como um perigo eminente na perspectiva dos soldados comunistas ao serviço de Estaline.

Desta forma, George Orwell regressou a Inglaterra abominando qualquer forma de totalitarismo e desiludido com o comunismo, expressando estes pontos de vista em duas das suas obras mais famosas: *Animal Farm* (1945) e a já referida *Nineteen Eighty-Four* (Navràtil 10). Através das mesmas, Orwell procurou afirmar a sua identificação com os estratos mais desfavorecidos da população, criticando a hipocrisia social e estabelecendo desta forma uma relação entre literatura e política e, inevitavelmente, entre literatura e ideologia. Em específico, o escritor identificou desde cedo Estaline como uma ameaça, influenciado pela sua experiência durante a referida participação na Guerra Civil, o que lhe permitiu desenvolver a personagem Big Brother em *Nineteen Eighty-Four*:

In 1949, when *Nineteen Eighty-Four* was published, one of the sources of inspiration for the character of Big Brother, Joseph Stalin, General Secretary of the Communist Party of the Soviet Union, was in office of the Soviet Union and in the United Kingdom, the leftwing Labour Party was in charge of the administration. (Ibid.)

Denunciando assim o perigo do comunismo adotado num regime totalitário e condenando um governo que influencia de forma extrema a vida dos cidadãos, George Orwell escreve *Nineteen Eighty-Four* pretendendo mostrar que uma sociedade fundada nestes moldes constitui um verdadeiro ataque à liberdade individual de expressão e pensamento.²

Postas estas considerações iniciais, o presente artigo analisará o método empregue pela instituição que detém o poder na sociedade apresentada em *Nineteen Eighty-Four*, i.e. o INGSOC, para manter e reforçar uma determinada ideologia, que iremos também caracterizar. Os instrumentos utilizados pelo INGSOC para controlar a população serão alvo da nossa análise através de uma comparação com a teoria de Louis Althusser sobre a questão da ideologia e a sua abordagem relativamente à estruturação do Estado, recorrendo à obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* da Editorial Presença (1980). *A posteriori*, serão analisadas duas personagens em pormenor - Winston e Julia - uma vez que os mesmos podem ser considerados dissidentes, pois contestam ativamente a ideologia do INGSOC.

Importa referir que a nossa perspetiva visa, para além de uma caracterização geral das principais ideias e pensamentos veiculados por esta instituição de ilimitado poder, analisar a metodologia de que o mesmo faz uso para assegurar que esta sua ideologia permanece incontestada, recaindo aí a razão pela qual a população permanece submissa e alienada. O nosso recurso à teoria exposta por Louis Althusser permitirá precisamente verificar o *modus operandi* do INGSOC e os diversos aparelhos

ao serviço deste que reforçam a sua supremacia ideológica, ainda que a ideologia do Partido seja notoriamente ambígua, contraditória e pouco clara.

Como previamente mencionado, o mundo em *Nineteen Eighty-Four* encontra-se dividido em três superpotências, sendo uma delas Oceania. É neste local que o protagonista da obra se encontra e é através das suas ações e do que experiencia que podemos observar como se estrutura a sociedade em Airstrip One.³ INGSOC - denominação derivada da nova língua instaurada pelo Partido que equivale ao termo “English Socialism” (Orwell 42) - é a designação oficial conferida ao partido político que detém a totalidade do poder em Oceania e o seu governo é caracterizado por adoptar uma ideologia colectivista e totalitarista, existindo uma total rejeição do capitalismo. Em específico, podemos definir esta organização social e ideológica como coletivismo oligárquico, sendo que oligarquia corresponde a uma forma de governo em que o poder é exercido por um grupo restrito de pessoas, *i.e.* uma elite, e coletivismo à primazia do grupo sobre o indivíduo. No entanto, seria um equívoco da nossa parte considerar a totalidade do INGSOC como uma elite, uma vez que o Partido se divide em *Outer Party* e *Inner Party*. Winston, o protagonista de *Nineteen Eighty-Four*, detém um posto de trabalho no primeiro e vemos que apesar deste facto, o mesmo não possui qualquer tipo de poder perante o segundo. O proletariado, por sua vez, constitui a terceira classe social e, tal como os membros do *Outer Party*, vive sob o controlo total do *Inner Party*.

A ideologia do INGSOC serve três princípios fundamentais que se apresentam no próprio *slogan* do Partido: *War is Peace, Freedom is Slavery, Ignorance is Strength*. Como podemos observar, as ideias que constituem estes princípios são contraditórias e a sua interpretação é extremamente subjetiva: “Everywhere across the streets posters with such slogans are visible, but nowhere can we find how the maxims need to be interpreted. The slogans seem in itself contradictory, being three equations of opposite concepts” (Vantieghem 58). No entanto, antes de procedermos à interpretação dos referidos *slogans*, é necessário caracterizar brevemente o funcionamento do INGSOC.

Em primeiro lugar, é de extrema importância perceber que para além de o Partido abominar o individualismo, qualquer pensamento dissidente é já em si considerado um crime, sendo este processo psicológico referido na obra como *thoughtcrime*. Desta forma, os cidadãos são privados de qualquer pensamento livre e independente, o que é por sua vez assegurado pelos instrumentos de controlo utilizados pelo INGSOC, que permitem um reforço e consolidação do seu poder. A manutenção de um poder absoluto é o objetivo supremo do Partido, exercendo este um controlo total da

população. No entanto, ao contrário de outros governos totalitários, não existe uma finalidade particular a cumprir através da aquisição de poder, sendo que isso é já o fim em si. A obra explica esta particularidade da seguinte forma:

The German Nazis and the Russian Communists came very close to us in their methods, but they never had the courage to recognize their own motives. They pretended, perhaps they even believed, that they had seized power unwillingly and for a limited time, and that just round the corner there lay a paradise where human beings would be free and equal. We are not like that. We know that no one ever seizes power with the intention of relinquishing it. Power is not a means, it is an end. (Orwell 302)

Em segundo lugar, podemos abordar a questão da propriedade privada. Sendo o Partido profundamente coletivista, será de esperar que qualquer habitação seja propriedade do governo vigente. Isto é comprovado pelo facto de existir um *telescreen*⁴ em cada lar, não existindo, portanto, qualquer privacidade, pois a vigilância é constante e sem interrupção. A vigilância é, aliás, uma das principais características do INGSOC, não só permitindo a manutenção da ideologia através da supressão da liberdade individual mas fazendo parte da ideologia do Partido em si. Não existe qualquer confiança entre a população e até o núcleo familiar se apresenta como uma ameaça: “Ingsoc is a reign of terror: people fear not only the Party but also the people on the street and even their own family and friends” (Vantieghem 58). Há assim uma alienação entre as pessoas, que são privadas de livre comunicação e consequentemente de união e compaixão, o que permite que o regime não seja questionado.

Em terceiro lugar, consideramos fundamental referir o conceito de *doublethink*, que é definido na obra de Orwell nos seguintes termos:

To know and not to know, to be conscious of complete truthfulness while telling carefully constructed lies, to hold simultaneously two opinions which cancelled out, knowing them to be contradictory and believing in both of them, to use logic against logic, to repudiate morality while laying claim to it, to believe that democracy was impossible and that the Party was the guardian of democracy, to forget whatever it was necessary to forget, then to draw it back into memory again at the moment when it was needed, and then promptly to forget it again: and above all, to apply the same process to the process itself. (Orwell 40)

Como podemos constatar, esta forma de pensamento obriga a população a aceitar a ideologia contraditória e pouco explícita do Partido, que pode mudar quando e se este assim o desejar. Sendo que o INGSOC controla também a ideia de que os indivíduos possuem do passado e do presente, é fácil perceber que qualquer contradição é encarada com naturalidade e portanto torna-se supostamente impossível que cada pessoa desenvolva uma ideologia pessoal e devidamente formada.

Regressando agora à interpretação dos princípios do Partido, verificamos que o primeiro *slogan* - *War is Peace* - reflecte o estado de guerra constante vivido não só pela sociedade de Oceania mas também das outras duas superpotências existentes. As guerras são supostamente travadas por um grupo muito restrito de soldados, apesar de nunca ser provado que acontece desta forma ou que este grupo é de facto real. Não havendo um objectivo concreto a atingir através da guerra com outra superpotência, uma vez que as três são igualmente poderosas (Ibid. 216), o sentimento de conflito permanente instaura o fervor patriótico na população, necessário para que o INGSOC controle a mesma. Já o segundo *slogan* - *Freedom is Slavery* - espelha o colectivismo e transmite a ideia de que o indivíduo não integrado num grupo nunca poderia ser bem sucedido. Assim, só através da sua submissão consegue este de facto fundir-se com o Partido e escapar da sua própria identidade. O terceiro e último *slogan* - *Ignorance is Strength* - realça a forma como a ignorância da população reforça o poder do INGSOC na medida em que os indivíduos desconhecem totalmente o que acontece nas instituições que constituem o governo, não podendo assim questionar as ações deste.

Apesar de podermos retirar estas conclusões relativamente ao significado dos três princípios, é necessário referir que a população de Oceania não tem acesso a esta informação nem aos objetivos do Partido de forma clara, uma vez que isso significaria um enfraquecimento do regime, conferindo aos indivíduos o poder e a oportunidade de questionarem a sua ideologia. Assim, ao permanecer vago na comunicação com a população, o INGSOC assegura que a sua ideologia possa ser adaptada para qualquer propósito (Vantieghem 59).

A ideologia do Partido não subsistiria sem os chamados instrumentos de controlo, que eliminam qualquer possibilidade de revolução e asseguram que a população segue a referida ideologia de forma inquestionável. Poderemos, neste contexto, aludir à teoria de Louis Althusser relativamente aos Aparelhos de Estado. O filósofo francês (1918-1990) ocupou-se principalmente do Marxismo como a sua área de investigação, analisando e contribuindo para a mesma tendo em conta o estruturalismo francês. A propósito da sua teoria sobre Aparelhos de Estado, Althusser elaborou um ensaio intitulado “*Idéologie et appareil Idéologique d’État (AIE)*” (1970), explorando esta

temática e tentando desenvolver uma teoria da superestrutura livre da problemática epistemológica recorrendo aos conceitos de Estado e político (Vaisman 256).

Jean Carlos Ribeiro de Lima e Glauber Lopes Xavier consideram que, para Althusser, a ideologia se encontra “ . . . a serviço de uma determinada classe, cujo objetivo seria impor sua dominação” (7). Como verificámos anteriormente, é precisamente isto que o INGSOC pretende efetuar, exercendo o seu domínio sobre os estratos sociais que detêm menor poder, *i.e.* o *Outer Party* e o proletariado. O teórico francês afirma que, para

. . . se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se situa manifestamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado. (Althusser 42)

Estes aparelhos ideológicos servem o propósito de disseminar e manter uma ideologia vigente, tornando a mesma acessível à população e incorporando-a no seu quotidiano. Althusser, recorrendo à sigla AIE para designar “Aparelho Ideológico de Estado”, refere-se a estes aparelhos como instituições e apresenta-as da seguinte forma:

- O AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas),
- o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas publicas e particulares
- o AIE familiar,
- o AIE jurídico,
- o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos),
- o AIE sindical,
- o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.),
- o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.) (Ibid. 43-4)

Regressando à obra de George Orwell, e aplicando estas categorias à mesma, verificamos que, relativamente ao AIE religioso, apesar de não existir um dogma estabelecido em Oceania, a figura de Big Brother serve o propósito de uma divindade, sendo que as pessoas lhe deveriam prestar culto e veneração: “In *Nineteen Eighty-Four* the government spreads their ideology by making a godlike leader icon called the Big Brother. They make this icon to unite the people so people will have an icon of the protector, the one who will protect them from the terrors of wars” (Haryando 5-6).

É curioso verificar que a existência de Big Brother nunca é comprovada. Da mesma forma, Emanuel Goldstein constitui um outro ícone no qual as pessoas deveriam depositar todo o seu ódio. A articulação de ambas as figuras fomenta uma dinâmica dualista, promovendo sentimentos de patriotismo exacerbados. Estes sentimentos são reforçados pelos movimentos e grupos existentes nas escolas, que se enquadram no AIE escolar, tal como o *The Spies*, o *Youth League* e o *Junior Anti-Sex League*. Estes grupos propagam a ideologia do Partido educando os jovens de uma forma muito específica, promovendo atitudes e comportamentos que reforçam o controlo do governo, tendo posteriormente repercussões no AIE familiar.⁵ Enquanto que o *Junior Anti-Sex League* incentiva uma atitude de repulsa e rejeição perante a sexualidade, os *The Spies* e *Youth League* dedicam-se a treinar as crianças para que estas vigiem os seus pais e vizinhos, oferecendo ao mesmo tempo actividades prazerosas direccionadas ao culto da figura de Big Brother e do INGSOC:

Even children are trained to monitor the movements of their parents and neighbors . . . this type of training did not produce in them any tendency to rebel against the discipline of the party. 'On the contrary, they adored thig Party and everything connected with it. The songs, the processions, the banners, the hiking, the drilling with dummy rifles, the yelling of slogans, the worship of Big Brother. . . (Mukherjee 13)

Tal como referido, este controlo que as crianças exercem sobre os adultos influencia os padrões de comportamento em âmbito familiar. Os próprios pais transmitem a ideologia do Partido aos seus filhos e estes, por sua vez, recebem a mesma nas escolas e aplicam-na no seio da sua família. O caso particular de Parsons (Orwell 267-8) exemplifica bem esta dinâmica: Parsons é denunciado pela filha de sete anos que o ouviu balbuciar durante o sono palavras de revolta contra a ideologia do Partido e, como consequência, este será condenado à morte. É interessante verificar que Parsons não sente ódio em relação à filha mas sim orgulho porque considera que a educou correctamente: "I don't bear her any grudge for it. In fact I'm proud of her. It shows I brought her up in the right spirit, anyway" (Ibid.).

Em relação aos AIE jurídico e sindical, podemos identificar, na obra, como sendo todo o aparelho do governo e os diferentes ministérios que o constituem. Uma vez que existe pouca informação relativamente ao funcionamento destes, podemos atentar nas suas denominações, que correspondem a uma corrupção da verdade e, por essa razão, incentivam o *doublethink*:⁶ o chamado *Ministry of Love* assegura a ordem recorrendo à vigilância constante e à repressão de liberdades individuais, o *Ministry of Peace*

encarrega-se de gerir a guerra constante com uma das superpotências (uma vez que o inimigo de Oceania varia de acordo com a vontade do INGSOC, como explicado anteriormente), o *Ministry of Plenty* impõe restrições ao consumo de certos bens e produtos e o *Ministry of Truth* gere a propaganda e a falsificação de factos.

A propaganda enquadra-se, aliás, no AIE de informação, que se estabelece como uma das maiores armas ideológicas do INGSOC. Por toda a parte podem ser encontrados cartazes com a imagem de Big Brother lembrando que a vigilância é constante⁷ e as imagens que surgem nos *telescreens* são totalmente controladas pelo Partido. O emprego de Winston demonstra como os factos são deturpados: é a sua responsabilidade alterar os registos escritos de acordo com as ordens recebidas. É assim possível entender a forma como toda a imprensa e *media* servem a ideologia imposta. Por fim, surge o AIE cultural, que se observa na obra de Orwell através do controlo dos livros e da própria linguagem. O verdadeiro propósito do *Newspeak* é erradicar qualquer tipo de vocabulário relacionado com revolução, já que desta forma a população não poderá comunicar essa ideia: “When there is no any words can express the rebellious thought, people will have no idea about how to express their rebel against the government” (Haryando 7). Além disto, os desportos praticados pelos membros do *Outer Party* são também decididos pelo Partido, com o objectivo de manter os indivíduos com uma determinada fisionomia e evitar ao máximo qualquer individualismo, criatividade ou dissidência da norma.

Louis Althusser, para além de referir os Aparelhos Ideológicos de Estado, delinea a diferença entre estes e o Aparelho Repressivo do Estado, afirmando que enquanto os primeiros funcionam pela ideologia, os segundos fazem uso da repressão e da violência (46). No entanto, estes Aparelhos não funcionam de forma totalmente independente, sendo que o Aparelho Repressivo do Estado permite a manutenção dos Ideológicos: “Enquanto os aparelhos ideológicos usam da ideologia, os aparelhos repressivos utilizam da violência, física ou não. Contudo, o aparelho ideológico não se reproduz ou se mantém sem o exercício prático do aparelho repressivo” (Lima e Xavier 11).

Em Oceania, o Aparelho Repressivo é constituído pela vigilância constante e pela *Thought Police*, que utiliza a violência psicológica e física para assegurar a passividade da população. Da mesma forma, existe um vocábulo que designa o desaparecimento súbito de um indivíduo:

People simply disappeared, always during the night. Your name was removed from the registers, every record of everything you had ever done was wiped out, your one-time

existence was denied and then forgotten. You were abolished, annihilated: *Vaporized* was the usual word. (Orwell 22)

A existência deste conceito e o medo sempre presente contribuem para que a população seja passiva, pois esta tem o conhecimento do que poderá acontecer caso ocorra um desvio à norma estabelecida. É importante ainda constatar que a única forma de assegurar a eficácia de um Aparelho Repressivo será definir um grupo muito específico de indivíduos para gerir o mesmo e este grupo terá de acreditar na ideologia imposta ou, no mínimo, admitir as vantagens da sua existência. Na obra de Orwell, é claramente O'Brien que simboliza esta dinâmica.

Apesar de todo este controlo parecer infalível, a verdade é que existem dissidentes na sociedade de Oceania e a subversão não está portanto ausente da obra de Orwell. Winston apresenta-se como a personagem principal de *Nineteen Eighty-Four*, resistindo aos instrumentos do INGSOC para suprimir quaisquer ideologias individuais. O seu primeiro acto de rebelião contra a ideologia estabelecida é adquirir um livro e utilizar o mesmo como diário, registando os seus pensamentos, algo que o Partido poderia punir severamente: “The thing that he was about to do was to open a diary . . . if detected it was reasonably certain that it would be punished by death, or at least by twenty-five years in a forced-labour camp” (Ibid. 9). Apesar de mais tarde Winston quebrar as regras novamente quando mantém uma relação secreta com Julia e quando pretende juntar-se à ilusória *Brotherhood*,⁸ o facto de este sentir a necessidade de expressar a sua ideologia pessoal já o classifica como um *thoughtcriminal*.

Reflectindo sobre a possibilidade de revolução, Winston revela ter uma autoconsciência que produz uma atitude crítica relativamente à sociedade em que se insere. Forma assim a sua própria ideologia, caracterizada pelo desprezo em relação aos princípios do INGSOC, a admiração pela figura de Emanuel Goldstein e a esperança que deposita no proletariado: “Winston Smith enjoys mooning about the proles and believes them to be the only hope for any sort of rebellion . . . and he admires them for their humanity, warts and all” (Showers 167).

Winston estabelece-se como uma personagem profundamente ideológica, uma vez que arrisca a sua vida tendo consciência de que não existe qualquer possibilidade de sucesso. A sua luta é essencialmente pessoal e nunca constitui uma verdadeira ameaça à ideologia do Partido, apesar de ele estar inserido na classe social que mais probabilidade teria de efectuar uma revolução bem sucedida, uma vez que os membros do *Outer Party* não partilham o mesmo fanatismo característico dos

membros do *Inner Party* e não são totalmente incapazes de se revoltar como acontece com o proletariado.⁹

A descoberta de Winston como sendo um *thoughtcriminal* e a devida punição ocorrem quando O'Brien cria uma relação de cumplicidade com Winston e Julia com a intenção de perceber se ambos possuem pensamentos dissidentes. Para este efeito, O'Brien convida o casal a sua casa e confirma a existência da *Brotherhood* numa tentativa de comprovar as suas suspeitas:

“And the conspiracy—the organization? Is it real? It is not simply an invention of the Thought Police?”/ “No, it is real. The Brotherhood, we call it. You will never learn much more about the Brotherhood than that it exists and that you belong to it”
“You are prepared to cheat, to forge, to blackmail, to corrupt the minds of children, to distribute habit-forming drugs, to encourage prostitution, to disseminate venereal diseases—to do anything which is likely to cause demoralization and weaken the power of the Party?”/ “Yes.” (Orwell 198)

Através deste discurso é possível denotar a importância da existência de uma organização que sirva como oposição ao Partido, ainda que esta seja fictícia. O'Brien detecta assim o individualismo de Winston e Julia e ambos são aprisionados e transportados para o *Ministry of Love*. É neste local que percebemos como verdadeiramente funciona a *brainwash* praticado pelo INGSOC.

Através de toda esta situação, verificamos de imediato que o Partido falha em controlar a totalidade da população através da repressão exercida. É importante no entanto notar que Winston ainda possui memórias de uma época pré-INGSOC, além de percebermos também que os dicionários de *Newspeak* ainda estão a ser elaborados no ano em que este começa a escrever o seu diário. Considerando estes factos, podemos concluir que o Partido já exerce um impressionante controlo apesar da sua curta existência.

Atentemos agora na prisão de Winston: uma vez que é levado para uma cela e é posteriormente libertado, como poderá o Partido assegurar que este não continuará a seguir a sua ideologia individual em detrimento da desejável? A resposta é dada através do processo que Winston atravessa liderado por O'Brien. Utilizando os medos de Winston para exercer terror psicológico aliado à violência física,¹⁰ o Partido tenta curar a sua suposta insanidade recorrendo à conversão:

Winston and Julia's rebellion against the regime indicates that the Party is not overall successful in its mute acceptance of the ideology. Both of them are pretending to be

in line with the party policy, while at the same time trying to overthrow the system. The Party is sequentially well aware that adversaries will always be present. So in order to make its totalitarian regime succeed, they realize they need to convert people... (Vantieghem 59)

Converter os dissidentes é a única forma de assegurar que estes abandonaram por completo a sua ideologia pessoal, passando a acreditar piamente nos princípios do INGSOC. Winston é libertado porque é devidamente convertido e o primeiro indício de que isto acontece é o facto de este passar a acreditar na premissa constantemente repetida por O'Brien: $2 + 2 = 5$ (Orwell 334). Se o partido deseja que $2 + 2$ seja igual a 5, qualquer indivíduo terá que acreditar nesse facto, mesmo sabendo que na realidade $2 + 2 = 4$. Aqui podemos observar como funciona o *doublethink*.

Mesmo tendo consciência de que nunca poderia destronar o Partido, Winston persegue ferozmente as suas convicções. Orwell constrói assim esta personagem como um símbolo do indivíduo não alienado, consciente da sociedade e época em que se insere e munido de vontade própria. No entanto, sendo fiel ao tom distópico de *Nineteen Eighty-Four*, o autor finaliza a obra apresentando um Winston passivo e indistinguível das massas que seguem a ideologia imposta:

He gazed up at the enormous face. Forty years it had taken him to learn what kind of smile was hidden beneath the dark moustache. O cruel, needless misunderstanding! O stubborn, self-willed exile from the loving breast! Two ginscented tears trickled down the sides of his nose. But it was all right, everything was all right, the struggle was finished. He had won the victory over himself. He loved Big Brother. (Ibid. 342)

Relativamente a Julia, a segunda dissidente apresentada na obra, esta surge primeiramente em *Nineteen Eighty-Four* como o interesse romântico de Winston, sendo que depressa verificamos o facto de também ela ser uma dissidente, uma vez que mantém este relacionamento em segredo e partilha o desprezo pelos princípios do INGSOC.¹¹ No entanto, Julia não contesta a ideologia do Partido da mesma forma que Winston: ela demonstra não possuir qualquer interesse particular por questões ideológicas e quebra as regras por estas interferirem com a sua liberdade individual. Griet Vantieghem efetua uma crítica bastante acentuada a esta personagem, afirmando:

Julia is actually a very simple character, who always thinks in black-and-white and is not at all interested in what Ingsoc is actually about. She only breaks the laws when they impede her own life, and she never thinks how her cleverness (she is really good

at betraying the Party in all sorts of ways) may actually help her to create a government that would bring freedom and pleasure into her life. (Vantieghem 73)

Na nossa perspectiva, apesar de Julia revelar efetivamente um pensamento algo acríptico, esta consegue ser sensível à questão da falta de individualismo, seguindo assim um rumo que a destaca da população passiva e perseguindo as suas emoções e a sua vontade, contornando a restrição que o governo impõe relativamente à liberdade sexual. Os assuntos de cariz político, no entanto, são por ela ignorados e como não é feita qualquer idealização relativamente a uma sociedade diferente, Julia não se revela autoconsciente da mesma forma que Winston e não reflete sobre o que poderia ser alterado se os indivíduos no mesmo grupo social em que ela se insere se revoltassem contra o governo. Julia não acredita na existência da *Brotherhood* e por essa razão nunca poderia ter quaisquer esperanças relativamente a uma revolução: “To Julia the much talked of specter of Emmanuel Goldstein and his underground army is simply a lot rubbish and nonsense . . . ” (Besharati, Mazdayasna, e Annosheh 80). No entanto, esta descrença é também a sua força, revelando que Julia não é tão suscetível à propaganda do INGSOC como Winston, pois não deposita qualquer fé nem no ícone de adoração escolhido pelo partido, *i.e.* Big Brother, nem no ícone de ódio representado pela figura de Goldstein.

A atitude de Julia, como seria de esperar, provoca em Winston bastante estranheza, uma vez que enquanto este possui uma consciência profunda em relação à ideologia do Partido e ao controlo da população, desconstruindo as ideias propagadas e tentando opor-se às mesmas, Julia encara o quebrar de regras como um jogo e um desafio. Desta forma, considera a sua relação com Winston como uma busca pelo prazer que é negado através da supressão da liberdade sexual. Já Winston, por outro lado, considera a relação um ato político e de rebelião.¹² Outro aspeto que diverge entre ambos é o facto de Julia não demonstrar qualquer ambição relacionada com a obtenção de conhecimento: “She ‘didn’t much care for reading,’ she said. Books were just a commodity that had to be produced, like jam or bootlaces” (Orwell 149-50).

Apesar da existência destas diferenças, Julia é uma personagem fundamental em *Nineteen Eighty-Four*, ainda que concebida essencialmente para complementar a ideologia de Winston e para entendermos a conversão deste causada por O’Brien. Julia apresenta-se como uma das razões pelas quais Winston consegue manter as suas ideias e lutar por estas: é Julia que provoca nele a necessidade de expressar verbalmente a sua ideologia, consolidando as suas opiniões. Além disto, Julia é ainda um incentivo para Winston continuar a sua revolta: “The room . . . becomes the place for an

occasional rendezvous for Smith and Julia. By these minor activities, Winston gains a new vigor. . . ” (Besharati, Mazdayasna, e Anoosheh 80).

Apesar de se complementarem na sua luta contra o Partido, a relação de Winston e Julia termina de forma trágica. Após a tortura e conversão do casal, ambos se encontram novamente mas toda a paixão desvaneceu e há a confirmação de que se traíram mutuamente durante o encarceramento no *Ministry of Love*. Desta forma, a fraqueza humana é evidenciada perante a autoridade incontestável do INGSOC. Este acto de traição simboliza assim a perda de qualquer resquício de humanidade que poderia restar em Winston: “...the moment she is betrayed by her lover, Winston becomes defeated. It can be suggested that by the act of betrayal of the most beloved person, Winston loses his humanity and becomes another part of the political machinery” (Kozel 20). Ambos se entregam assim à passividade desejada pelo governo.

O papel de Julia não está, no entanto, limitado à sua interacção com Winston e o que dessa relação advém. Julia simboliza a afirmação da sexualidade feminina numa sociedade repressiva. O INGSOC considera o ato sexual como um dever para com a sociedade e o governo, tentando suprimir a obtenção de prazer. Mas Julia revela-se uma mulher independente sexualmente, não apenas porque mantém um relacionamento com Winston mas porque persegue os seus instintos e manteve relações sexuais com diversos membros do Partido: “Julia is suggested to be a woman who both has a rebellious tendency and who satisfies herself with secret sexual affairs when it is convenient. Julia is a fearless woman who has had sexual relations with many Inner Party members” (Dikiciler 24). Este facto sugere que Julia consegue despertar noutros indivíduos os seus instintos sexuais e a posterior satisfação dos mesmos. É precisamente isto que acontece com Winston: antes de este conhecer Julia, é restringido pela sua mulher Katharine, que encara a relação sexual com o seu marido de uma forma extremamente desprovida de emoção e desejo.¹³ Esta mulher simboliza assim o puritanismo desejável na sociedade, em contraste direto com Julia, que para além de satisfazer as suas necessidades sexuais tem deveras um grande entendimento sobre a forma como a ideologia do INGSOC encara esta questão: “Unlike Winston, she had grasped the inner meaning of the Party’s sexual puritanism” (Orwell 152-3).

Servindo a *Anti-Sex League* voluntariamente como uma forma de camuflar o seu comportamento, Julia consegue subverter o controlo do governo e continuar a perseguir a sua vontade sem levantar suspeitas.

Outro aspecto interessante da afirmação sexual de Julia é o facto de esta conseguir adquirir maquilhagem sem ser detectada e usar a mesma durante um

encontro com Winston: “He turned round, and for a second almost failed to recognize her. What he had actually expected was to see her naked. But she was not naked. The transformation that had happened was much more surprising than that. She had painted her face” (Ibid. 164).

Usar cosméticos não é aceitável segundo a ideologia do Partido, uma vez que constitui uma marca de individualismo e afirmação de feminilidade. Julia mostra ainda vontade de usar roupa que a fará sentir mais feminina, sendo que a mesma se encontra disponível apenas em antigas lojas nos locais ocupados pelo proletariado.

Tomando em consideração todos estes aspectos, conseguimos observar a diferença entre dois tipos de dissidentes, que se opõem ao INGSOC de forma distinta. Apesar da sua oposição, ambos acabam por ser convertidos e transformam-se em meros cidadãos indistintos, mostrando o poder do governo instaurado em Oceania e a forma como a supressão de qualquer individualismo é obtida.

O presente artigo efetuou assim a análise da ideologia na obra *Nineteen Eighty-Four* de George Orwell, caracterizando a ideologia do Partido que detém o poder total em Oceania e verificando posteriormente as repercussões que a mesma tem na sociedade representada. A análise dos instrumentos de controlo utilizados pelo INGSOC, quando acompanhada pela teoria de Louis Althusser a que recorreremos, permite entender como o Partido consolida o seu poder e propaga a sua ideologia, provocando uma grande adesão por parte da população que, apesar de não ser total, invalida quaisquer tentativas de transgressão e subversão do poder. Esta comparação auxiliaria certamente na exploração de um paralelo entre a forma de governo idealizada por Orwell e a teorização de Louis Althusser, uma vez que este último, como previamente mencionado, se ocupa do Marxismo na sua investigação e, em particular, nos textos da sua autoria a que aludimos. Tal poderá ser sustentado, a título de exemplo, pelo grande ênfase colocado no proletariado em *Nineteen Eighty-Four*, sendo que este grupo social se apresenta como a única esperança de revolução. Interessante seria também chamar a atenção para o facto de Orwell colocar a esperança de uma revolução num proletariado incapaz de se organizar e num elevado estado de alienação, o que poderá talvez invocar a desilusão do autor para com ideologias de esquerda.

A inevitável supressão de potenciais dissidentes como Winston e Julia permitiu, por sua vez, mostrar a falibilidade do governo mas também o poder inconstestável que este detém e como o impõe.

Nineteen Eighty-Four é uma distopia extremamente relevante nos dias de hoje, alertando para as consequências do totalitarismo e a alienação da população,

oferecendo uma perspectiva crítica sobre estes temas recorrendo à idealização de uma sociedade em que a liberdade está ausente. Orwell denuncia também potenciais perigos subjacentes à existência de um mito cultural e à fomentação de uma memória colectiva que impede que a ideologia do Partido no poder seja questionada. Big Brother não só representa o poder do INGSOC como instaura um governo de terror em que todos os indivíduos se sentem permanentemente vigiados, pois a sua imagem é omnipresente.

Numa época atribulada em que o caos estava instalado na mente da população, George Orwell revela, tal como Winston em *Nineteen Eighty-Four*, uma consciência profunda relativamente ao panorama socio-cultural da Europa entre duas grandes guerras cujas partes em conflito participavam ativamente num agressivo jogo de poder com consequências que em muito alteraram o quotidiano das massas e o conhecimento e informação que a estas chegava.

Obras Citadas

- Althusser, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- Besharati, Mohammad, Golnar Mazdayasna, e Sayed Mohammad Anoosheh. "Orwell's Satirical View of Romantic Love in the Terrorized World of *Nineteen Eighty-Four*." *International Journal of Applied Linguistics & English Literature*, Vol. 6, No. 6, 2017, pp. 78-82.
- Dikiciler, Merve. "Suppression of Sexuality and Gender in Dystopias: George Orwell's *Nineteen Eighty-Four*, Anthony Burgess's *The Wanting Seed* and Iain Banks's *The Wasp Factory*." Dissertação, Hacettepe University, 2017.
- Gerhard, Julia. "Control and Resistance in the Dystopian Novel: A Comparative Analysis". Dissertação, California State University, 2012.
- Gordin, Michael D., Helen Tilley, e Gyan Prakash, eds. *Utopia/Dystopia. Conditions of Historical Possibility*. Princeton University Press, 2010.
- Grabovickic, Marela. "The Notion of Liberty in George Orwell's *1984* and Anthony Burgess's *A Clockwork Orange*." Dissertação, Universität Wien, 2009.
- Haryando, Muhammad Septian. "Government Control and Restriction on Society as Reflected in *Nineteen Eighty-Four* by George Orwell and *Fahrenheit 451* by Ray Bradbury: an Intertextual Reading." *Vivid Journal*, Vol. 4, No. 1, 2015, n. pag.

<http://jurnalvivid.fib.unand.ac.id/index.php/vivid/article/view/29/38>.
Accessed 15 May 2020.

Iwashita, Izumi. "On George Orwell's *Nineteen Eighty-Four*: Sight, Surveillance and Observation." *Research Reports of Kumamoto-NCT* 1, 2009, pp. 79-85.

Kozel, Aleš. "Characters in Orwell's *Nineteen Eighty-Four* and Bradbury's *Fahrenheit 451*." Dissertação, Masaryk University, 2010.

Lima, Jean Carlos Ribeiro de, e Glauber Lopes Xavier. "A questão da ideologia em Karl Marx e Louis Althusser." *Revista Espacios*, 2017, pp. 10-23.

Mukherjee, Udayan. "The Development of Socio-Cultural Society in Orwell's *Nineteen Eighty Four*." *IOSR Journal Of Humanities And Social Science* 19.1, 2014, pp. 12-6.

Navrátil, Michal. "Two Classic Dystopias: George Orwell's *Nineteen Eighty-Four* and Ray Bradbury's *Fahrenheit 451*." Dissertação, Bata University in Zlín, 2008.

Nunes, J. M. de Sousa. "Distopia". *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*, 30 December 2009, <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/distopia/>. Accessed 15 May 2020.

Orwell, George. *Nineteen Eighty-Four*. Penguin Books, 2013.

Showers, Zachary. "Thou Art Unreal, My Ideal: Nostalgia as Ideology in the Novels of Evelyn Waugh, Aldous Huxley and George Orwell." Dissertação, University of Alabama, 2010.

Vaisman, Ester. "Althusser: Ideologia e Aparelhos de Estado - Velhas e Novas Questões." *Projeto História* 33, 2006, pp. 247-69.

Vantieghem, Griet. "Ideology in the works of George Orwell: a socio-cultural approach in the wake of Raymond Williams' cultural materialism." Dissertação, University of Ghent, 2009.

¹ Valerá a pena referir que o conceito de "distopia" é relativamente difícil de definir. No entanto, aplicado ao género literário do mesmo nome, designa uma sociedade oposta àquela que pode ser encontrada numa utopia. Corresponde ao "... acordar de um sonho progressivamente degenerado em pesadelo, ao desmitificar a tentação de transformar uma idealização utópica (necessariamente lacunar) em sistema de despótica aplicação" (Nunes). Assim sendo, uma distopia é uma utopia que serve apenas uma parte da sociedade representada na obra ou apresenta diversas falhas que culminam num regime despótico: "Dystopia, typically invoked, is...a utopia that has gone wrong, or a utopia that functions only

for a particular segment of society” (Gordin 1). Sendo que a distopia pode conter em si indícios de utopia, uma vez que uma sociedade distópica apresenta sempre um grupo social privilegiado, é frequente existirem dúvidas sobre o que distingue ambos os géneros. Sobre este assunto, Julia Gerhard afirma: “The word dystopia can be translated from Greek for ‘bad place’ and usually depicts a society with a utopian organization that has at least one dangerous flaw However, the chief distinction between these two genres lies in whether the text seems to suggest a positive or a negative outcome to the utopian fantasy” (1).

² É importante referir ainda que a visão distópica de Orwell, surgindo num contexto específico, denuncia a precariedade social numa Inglaterra devastada por duas grandes guerras. A propósito deste assunto e das descrições geográficas apresentadas na obra, Zachary Showers refere: “The cause of Orwell’s cynicism and fatalistic view of the future is not wholly political; the social conditions in England were especially awful after the war, so much so that the English urban landscape of the late forties bears a strong resemblance to Airstrip One in the future year 1984” (162).

³ *Airstrip One* é a designação de uma das províncias que constituem Oceania. Londres, por sua vez, é descrita como a principal cidade desta província (Orwell 5), cuja manutenção do nome curiosamente reflecte um vínculo ao passado indesejável perante a perspectiva do INGSOC.

⁴ O termo *telescreen* refere-se aos inúmeros ecrãs que se encontram espalhados por Oceania. Estes ecrãs possuem a dupla função de transmitir imagens e vigiar os cidadãos, funcionando assim como veículo de propaganda e câmara em simultâneo. Além de se encontrarem em espaços públicos como cantinas, ruas e escritórios, estes também se encontram instalados no interior das habitações.

⁵ Para além da existência dos referidos grupos, o conhecimento transmitido nas escolas é também filtrado, para que a ideologia do INGSOC seja devidamente apreendida: “Often she was ready to accept the official mythology, simply because the difference between truth and falsehood did not seem important to her. She believed, for instance, having learnt it at school, that the Party had invented aeroplanes” (Orwell 176-7).

⁶ A este propósito, Marelá Grabovickic afirma: “The four main institutions to execute the Party’s will, the organs between the entire apparatus of government is divided, are represented by the four ministries: The Ministry of Truth, The Ministry of Peace, The Ministry of Love and The Ministry of Plenty.... In fact, these organs of government are and do exactly the opposite of what they claim to be and do, for instance, Minitrue is concerned with propaganda, manipulation and falsification of facts, whereas Miniluv is actually concerned with torture and the imprisonment of criminals and political enemies” (24-5).

⁷ Este é um dos aspectos mais marcantes da sociedade representada na obra de Orwell, sendo que imediatamente no primeiro capítulo de *Nineteen Eighty-Four* é feita a descrição de um destes cartazes: “On each landing, opposite the lift-shaft, the poster with the enormous face gazed from the wall. It was one of those pictures which are so contrived that the eyes follow you about when you move. BIG BROTHER IS WATCHING YOU, the caption beneath it ran” (Orwell 3).

⁸ Utilizando a figura de Emanuel Goldstein como supremo opositor de Big Brother, o INGSOC propaga a ideia de que existe uma irmandade (*The Brotherhood*) constituída por indivíduos que conspiram contra a ideologia do Partido e que devem por esta razão ser eliminados: “. . . a vast shadowy army, an underground network of conspirators dedicated to the overthrow of the State. The Brotherhood, its name was supposed to be. There were also whispered stories of a terrible book, a compendium of all the heresies, of which Goldstein was the author and which circulated clandestinely here and there” (Ibid. 16). A existência de um livro proibido serve o propósito de fomentar uma falsa esperança a possíveis revolucionários, facilitando a sua detecção, uma vez que estes crêem que existe uma oposição minimamente organizada capaz de destronar o actual governo.

⁹ Winston coloca a sua esperança no proletariado considerando que o INGSOC constitui uma elite extremamente bem organizada e poderosa no seio da sociedade de Oceania e que, por essa razão, nunca poderia ser destronado a partir do seu núcleo: “If there is hope, wrote Winston, it lies in the proles./ If there was hope, it must lie in the proles, because only there in those swarming disregarded masses, 85 per cent of the population of Oceania, could the force to destroy the Party ever be generated. The Party could not be overthrown from within” (Orwell 80). Além disto, é no proletariado que se encontram os últimos vestígios de tradição, cultura e moralidade (Showers 167). No entanto, os proletários são mantidos num estado de dormência que os impossibilita de tentar qualquer revolta: têm acesso a diversos tipos de entretenimento e carecem de educação, pelo que nunca se organizariam satisfatoriamente para constituir uma ameaça ao governo.

¹⁰ Após um longo período de violência física e inanição, Winston é obrigado a olhar para si mesmo através de um espelho, dificilmente reconhecendo a figura esquelética que se apresenta à sua frente.

Posteriormente, no temido *Room 101*, Winston é submetido a uma tortura que utiliza o seu pavor de ratazanas: uma gaiola com estes animais no seu interior é colocada perto da sua cara (Iwashita 80).

¹¹ O ódio de Julia pelo partido pode ser comprovado através das seguintes passagens: “Them, it appeared, meant the Party, and above all the Inner Party, about whom she talked with an open jeering hatred . . .” (Orwell 141), “She spent an astonishing amount of time in attending lectures and demonstrations, distributing literature for the junior Anti-Sex League, preparing banners for Hate Week, making collections for the savings campaign, and such-like activities. It paid, she said, it was camouflage. If you kept the small rules, you could break the big ones” (Ibid. 148-9) e “She hated the Party, and said so in the crudest words . . .” (Ibid. 151). É também Julia que sugere o local para o seu primeiro encontro com Winston, sabendo que não estaria vigiado por qualquer *telescreen*, e demonstra ainda uma certa perspicácia em agir nestas circunstâncias, o que nos permite concluir que quebrar as regras é algo que lhe é familiar.

¹² A contemplação do corpo de Julia por parte de Winston constitui já em si um acto político, uma vez que este considera que amor ou desejo na sua forma pura não poderiam ser encontrados na sociedade de Oceania. Assim, a apreciação da beleza e o desejo sexual estão intrinsecamente relacionados com questões ideológicas e com a luta pessoal de Winston contra o INGSOC: “He pulled the overalls aside and studied her smooth white flank. In the old days, he thought, a man looked at a girl’s body and saw that it was desirable, and that was the end of the story. But you could not have pure love or pure lust nowadays. No emotion was pure, because everything was mixed up with fear and hatred. Their embrace had been a battle, the climax a victory. It was a blow struck against the Party. It was a political act” (Ibid. 145).

¹³ O contraste entre Julia e Katharine é evidenciado pela seguinte passagem: “. . . the stiffening of Katharine’s body as soon as he touched her, the way in which she still seemed to be pushing him from her with all her strength, even when her arms were clasped tightly round him. With Julia he felt no difficulty in talking about such things: Katharine, in any case, had long ceased to be a painful memory and became merely a distasteful one. / ‘I could have stood it if it hadn’t been for one thing,’ he said. He told her about the frigid little ceremony that Katharine had forced him to go through on the same night every week. ‘She hated it, but nothing would make her stop doing it. She used to call it—but you’ll never guess.’ / ‘Our duty to the Party,’ said Julia promptly” (Ibid. 152).